



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE FILOSOFIA**

JOHN WAYNE ANDRÉ DA SILVA

O CONCEITO DE LIBERDADE SARTRIANO NA OBRA O SER E O NADA

**CAMPINA GRANDE
2017**

JOHN WAYNE ANDRÉ DA SILVA

O CONCEITO DE LIBERDADE SARTRIANO NA OBRA O SER E O NADA

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S586c Silva, John Wayne Andre da.
O conceito de liberdade Sartriano na obra o ser e o nada
[manuscrito] / John Wayne Andre da Silva. - 2017
27 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação : Prof. Dr. Júlio César Kesting, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Liberdade. 2. Fenomenologia. 3. Existencialismo.
21. ed. CDD 142.7

JOHN WAYNE ANDRÉ DA SILVA


O CONCEITO DE LIBERDADE SARTRIANO NA OBRA O SER E O NADA

Artigo, apresentada(o) ao Programa de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Filosofia.

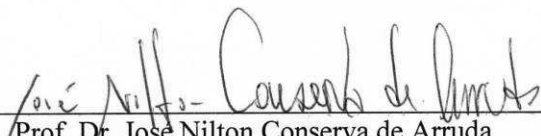
Área de concentração: Metafísica.

Aprovada em: 31/07/2017 .

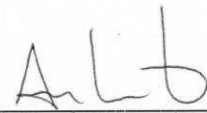
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a filosofia da existência. A liberdade que é condição existencial de cada um de nós. E a forma autêntica de como conduzimos esta mesma liberdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha amada esposa Ayanne Larissa Almeida de Souza, por ter me ajudado na correção gramatical deste trabalho e sua mãe a digníssima Prof. Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida pelo esclarecimento sobre fenomenologia. Ao meu orientador Prof. Dr. Júlio Cesar Kesting e ao Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda, que me ajudaram a aprimorar o trabalho. A instituição de ensino Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, por ter sido onde aprendi filosofia e como ser um indivíduo instruído a participar da sociedade como ser ativo e factual.

Se me tivessem perguntado o que era a existência, teria respondido de boa boa-fé que não era nada, apenas uma forma vazia que vinha se juntar às coisas exteriormente, sem modificar em nada sua natureza. E depois foi isto: de repente, ali estava, claro como o dia: a existência subitamente se revelara. Perdera seu aspecto inofensivo de categoria abstrata: era a própria massa das coisas, aquela raiz estava sovada em existência. Ou antes, a raiz, as grades do jardim, o banco, a relva rala do gramado, tudo se desvanecera; a diversidade das coisas, sua individualidade, eram apenas uma aparência, um verniz. Esse verniz se dissolvera, restavam massas monstruosas e moles, em desordem – nuas, de uma nudez apavorante e obscena. (SARTRE. Jean-Paul. **A náusea**. Tradução de Rita Braga. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p.160)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	EM BUSCA DO SER.....	07
2.1	SER-EM-SI	09
2.1.1	<i>SER-PARA-SI</i>	11
2.1.2	<i>O NADA</i>	13
2.1.2.1	<i>LIBERDADE EXISTENCIAL</i>	15
2.1.2.1.1	A MA-FÉ.....	20
	A ANGÚSTIA DA LIBERDADE	22
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	25

O conceito de liberdade sartriano na obra *O Ser e o Nada*

John Wayne André da Silva*

RESUMO

O trabalho disserta acerca do conceito de liberdade sob a ótica do filósofo Jean-Paul Sartre, a partir de sua obra filosófica mais importante *O Ser e o Nada*. Assume-se o objetivo de esclarecer a construção deste conceito com base no ensaio do autor sobre ontologia fenomenológica, assim apresenta-se resumidamente as principais categorias que são utilizadas nesta análise da liberdade e que se constituem em noções fundamentais do pensamento existencialista. Para Sartre, a liberdade é condição existencial do homem. Sendo assim, ele recorre ao método fenomenológico para realizar uma filosofia da liberdade totalmente pautada nesta condição existencial do ser humano. Apresentaremos as razões para sustentar que o homem está condenado a ser livre e que é a partir dessa liberdade inexorável que ele poderá realizar a si mesmo. Para alcançar os objetivos propostos dividimos o trabalho em sete tópicos que esclarecem o pensamento sartriano, são eles: *em busca do ser*, *ser-em-si*, *ser-para-si*, *o nada*, *liberdade existencial*, *má-fé*, e *angústia da liberdade*. Ao final da pesquisa foi possível observar que o ser humano é um ser factual e histórico, e a liberdade é uma condição existencial dele e o motivo de sua angústia.

Palavras-chave: Liberdade. Existencialismo. Fenomenologia.

1. INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo apresentar o modo como o conceito de Liberdade se fundamenta no pensamento do filósofo Jean-Paul Sartre, tendo como base a obra filosófica *O Ser e o Nada*. Em um primeiro momento, nos propomos explicar os conceitos fundamentais da teoria de ensaio de ontologia fenomenológica do pensador para, em seguida, abordarmos a liberdade como conceito essencial de sua filosofia. A paradoxal condição humana de ser livre gera angústia ao ser humano, pois ele deve assumir com total responsabilidade suas escolhas. Para Sartre, o homem está condenado a ser livre e é a partir dessa liberdade inexorável que ele poderá realizar a si mesmo.

O conceito de liberdade sartriano foi criticado sob a justificativa de que seria uma liberdade puramente subjetiva e que a filosofia de Sartre seria uma filosofia burguesa e idealista, sem qualquer plano de fundo objetivo. Esse fato colocou, até certo ponto, o pensamento de Sartre como sendo uma mera abstração filosófica, que não passaria de uma teoria vazia e sem propósito. Neste caso, procuraremos esclarecer de que maneira esta filosofia se fundamenta em seu plano concreto, pois para o citado filósofo, a liberdade não

* Graduando do curso de Licenciatura plena em Filosofia, pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: uywx@outlook.com

está apenas na subjetividade humana, ela é pois condição existencial do sujeito que existe no mundo, existente em uma realidade concreta e material. É então através do método fenomenológico que Sartre irá realizar uma filosofia da liberdade totalmente pautada na condição humana. Tendo o ser humano como fato histórico, pois é na história que o homem existe e pode realizar a si mesmo imerso nessa facticidade ou melhor dizendo em sua situação.

Para atingir o proposto objetivo, o texto foi dividido em sete seções intituladas: em busca do ser, ser-em-si, ser-para-si, o nada, liberdade existencial, má-fé e angústia da liberdade; com essa estrutura pretende-se um melhor entendimento do pensamento sartriano em relação ao tema abordado. Dentre os estudos que alicerçam as convicções aqui colocadas, estão os de Gerd Bornheim; Gary Cox, Edmund Husserl, entre outros. Com a pesquisa, foi possível compreender a percepção do filósofo com relação a liberdade que cada ser humano, no uso de seu entendimento de mundo e existir, tem para ser e revelar-se em suas atitudes, ou seja, fazer a si próprio.

2. EM BUSCA DO SER

O pensamento de Sartre tem como método a teoria do conhecimento chamada Fenomenologia. Sartre segue os princípios do seu mestre Edmund Husserl, “pai” da referida corrente filosófica. Na definição de Husserl (2008, p.20), “fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”. A fenomenologia de Edmund Husserl é a corrente filosófica utilizada como método investigativo dos fenômenos que se revelam à consciência, o estudo das essências dos objetos que estão no mundo objetivo. Esse pensamento traz à Filosofia um caráter científico no que diz respeito a teoria do conhecimento filosófico.

Nesse caso, a consciência é sempre intencional a algo, ou seja, toda consciência é consciência de alguma coisa, está sempre em intencionalidade de algo, sendo, portanto, o meio pelo qual o sujeito apreende a realidade que está fora da consciência. Sabendo disso, Husserl analisa os fenômenos que estão em relação com a consciência humana, seu objetivo é chegar ao fenômeno puro semelhante ao que Descartes fez no início da metafísica moderna, na tentativa de se alcançar o conhecimento puro, sem a possibilidade de ser dubitável. Assim, Husserl procura na consciência a resposta para tal proposta, ou seja, é necessário voltarmos às coisas mesmas por meio de uma redução fenomenológica, pois a fenomenologia é a

busca da essência pura do fenômeno. Para Husserl há um conhecimento imanente, intuitivo que revela a primariedade do fenômeno. Assim, a primeira impressão sobre o objeto mostra os diversos aspectos pelos quais a consciência percebe esse objeto. Dessa forma o fenômeno é o que se desvela e a percepção é o que lhe dá sentido.

Sartre por sua vez no aspecto fenomenológico defendia que o conhecimento vem do mundo objetivo, que é externo à consciência e não de dentro do sujeito consciente; em outras palavras, a realidade que nós apreendemos está fora do sujeito e não dentro de sua consciência, pois a existência do Ser não parte unicamente da subjetividade em si mesma, mas sim da relação que a consciência tem de fora para dentro. Segue uma reflexão de Bornheim a respeito dessa colocação de Sartre:

“[...] a consciência nada tem de substancial”; ela “só existe na medida em que se aparece”, e só aparece a si própria esposando um mundo que está “todo inteiro fora dela”; de fato, se a consciência se resume em ser um “vazio total”, não pode ser fundamento do que quer que seja; pelo contrário, veremos que Sartre explica a consciência precisamente como busca de fundamento. (BORNHEIM, 1971, p. 27)

Sartre entra em divergência com o cogito cartesiano, pois Descartes defendia que o conhecimento dar-se-ia inteiramente através do pensamento, como se o sujeito dentro de si mesmo, em sua consciência, pudesse apreender o mundo que partia da consciência em si mesma, descartando a possibilidade do mundo objetivo estar antes de sua existência propriamente definida.

De acordo com o pensamento de Sartre, primeiramente o homem existe, vem à realidade humana como o nada que é, sua consciência é vazia e preenchida após relacionar-se com os objetos. Implica também que toda consciência é intencional, que a prova ontológica que Sartre irá nos mostrar posteriormente é que toda consciência, é sempre consciência de algo, este algo são os objetos que estão no Ser e que são aquilo que se apresentam em si mesmos, em sua aparência e plenitude.

A partir do método fenomenológico, a filosofia passou a investigar o Ser em sua objetividade com a intenção de dar consciência científica à filosofia. Tratar-se-ia de situarmos a filosofia em um plano concreto de racionalização dos objetos com os quais a consciência se relaciona. Dessa forma, pode-se conhecer o fenômeno como uma coisa em si mesma. É na evidência que a fenomenologia se fundamenta, pois sem evidência ela não pode ser concebida como ciência.

Ao observar mais atentamente a obra de Sartre se pode inferir que no pensamento sartriano, o Ser apresenta-se à mente do homem através da consciência em relação à evidência

do fenômeno dentro da realidade humana, em sua intencionalidade e objetividade, a consciência é como um espelho, ela reflete para o sujeito o Ser, ou seja, aquilo que há de concretude em sua objetividade. Pois o Ser que se apresenta à consciência é positividade e plenitude. É físico, material, não apenas uma categoria abstrata e conceitual, mas sim, a própria realidade que está fora da consciência. Este Ser é aquilo que se apresenta em si mesmo, sem nada por trás dele, sem uma essência para além da aparência. É aquilo que é e nada mais. Ainda na introdução de *O Ser e o Nada*, Sartre discorre a respeito do fenômeno de Ser:

O fenômeno não indica, como se apontasse por trás do seu ombro, um ser verdadeiro que fosse, ele sim, o absoluto. O que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela como é. Como ser estudado e descrito como tal, porque é absolutamente indicativo de si mesmo. [...] A aparência não esconde a essência, mas a revela: ela é a essência. [...] Mas a essência, como razão da série, é, definitivamente, apenas o liame das aparições, ou seja, é ela mesma uma aparição. [...] Assim, o ser fenomênico se manifesta, manifesta tanto sua essência quanto sua aparência e não passa de série interligada dessas manifestações. (SARTRE, 2012a, p. 16-17)

Em *O Ser e o Nada*, Sartre investiga de que maneira o Ser das coisas se manifesta no mundo. O fenômeno é, inicialmente, o conjunto de como o objeto se manifesta em sua aparição, é aquilo que se apresenta em si mesmo em sua infinidade. O Ser é aquilo que se apresenta à nossa consciência de forma organizada, designando a si mesmo enquanto existente. O Ser é percebido por nós, é notado pela consciência. Segue uma reflexão de Sartre sobre como a consciência revela o Ser:

Dizer que a consciência é consciência de alguma coisa é dizer que deve se produzir como revelação-revelada de um ser que ela não é e que se dá como já existente quando ela o revela. Partimos assim da pura aparência e chegamos ao pleno ser. A consciência é um ser cuja existência coloca a essência, e, inversamente, é consciência de um ser cuja essência implica a existência, ou seja, cuja aparência exige ser. (SARTRE, 2012a, p. 35)

2.1 O SER-EM-SI

O ser-em-si é o conceito sartriano que define os objetos que se apresentam a consciência em sua forma objetiva e predeterminada. O ser-em-si é opaco e não possui uma

descompressão para que o nada o engendre. Sendo fechado e maciço, o em-si faz parte da realidade humana sem a capacidade de modificar-se. É pura positividade, pleno de si mesmo.

É aquilo que é. Com efeito, o em-si exemplificado seria o equivalente a uma cadeira, mesa, lápis, etc. Todos os objetos com essência embutida em sua própria existência. É inflexível, não há entrada alguma para a nadificação. Portanto, o ser-em-si é pura aparição e revelação em si mesmo.

O em-si é o Ser que se apresenta ao mundo em plenitude, em sua objetividade. Aquilo que é e que não pode não ser. Plena positividade. Maciço, opaco, sem qualquer essência por trás da aparência. Sobre o conceito de em-si, Sartre fala:

Daí a concepção especial que se deve dar ao “é” da frase “o ser é o que é”, que existem seres que hão de ser o que são, o fato de ser o que se é não constitui de modo algum característica puramente axiomática: é um princípio contingente do ser-Em-si. Opacidade que não depende de nossa posição com respeito ao Em-si, no sentido de que seríamos obrigados a apreendê-lo ou observá-lo por estarmos “de fora”. O ser-Em-si não possui um dentro que se oponha a um fora e seja análogo a um juízo, uma lei, uma consciência de si. O Em-si não tem segredo: é maciço. (SARTRE, 2012a, p. 39)

O ser-em-si é aquilo que é em sua aparência, irreversivelmente, sem abertura para que possa modificar-se. Seu fenômeno de ser é justamente sua aparição, de modo que, não podendo não ser algo além daquilo que é, fixa-se em si mesmo como condição irremediável. Vejamos outra reflexão de Sartre sobre o ser-em-si:

O ser-Em-si jamais é possível ou impossível: simplesmente é. Será isso expresso pela consciência – em termos antropomórficos – dizendo-se que o ser-Em-si é supérfluo (de trop), ou seja, que não se pode derivá-lo de nada, nem de outro ser, nem de um possível, nem de uma lei necessária. Incriado, sem razão de ser, sem relação alguma com outro ser, o ser-Em-si é supérfluo para toda a eternidade. [...] O ser é. O ser é em si. O ser é o que é. (SARTRE, 2012a, p. 40)

O em-si, como Sartre se refere, é determinante de si mesmo, ele é incondicionado, em sua aparência preenche a si mesmo, não implica nenhuma negação é plena positividade. Não é passividade ou atividade, o ser é em si mesmo. A respeito do em-si, Bornheim nos deixa a seguinte reflexão:

“O ser não é relação a si, ele é ele mesmo. É uma imanência que não se pode realizar, uma afirmação que não se pode afirmar, uma atividade que não pode agir, porque é empastado de si mesmo”. Este é

o sentido que tem a expressão “o ser é em-si”. (BORNHEIM, 1971, p. 34)

O ser-em-si, é o conceito pelo qual Sartre nos explica a existência dos objetos com essência predefinida. O em-si é, pois, o ser cuja essência precede a existência, não tendo a possibilidade de fazer a si mesmo, é aquilo que se apresenta à realidade em sua própria aparência, sem algo por trás que possa dar um sentido transcendente. É aquilo que é e nada mais. Opaco e fechado em si mesmo, maciço, incapaz de ter o nada dentro de si, pois sua existência é determinante de si mesma. Em relação a essa concepção do em-si, segue uma reflexão para melhor esclarecer o ser-em-si:

A doutrina lembra, ao menos formalmente, o ser parmenídico, “sem fim” e “todo inteiro idêntico”, que “deve ser absolutamente ou não ser”. Mas a máxima aproximação dessas duas concepções do ser verifica-se na exclusão radical do nada; realmente, em ambos os casos, o surto do nada viria romper a plenitude do ser. Por isso, diz Sartre: “O em-si é pleno de si mesmo e não se poderia imaginar plenitude mais total, adequação mais perfeita do conteúdo ao continente: não existe o menor vazio no ser, a menor físsura por onde se pudesse introduzir o nada”. Ele é o “bem redondo”, tal como o ser de Parmênides. (BORNHEIM, 1971, p. 35)

Em sua obra literária intitulada *A náusea*, escrita em 1938, Sartre, por meio da personagem Antoine Roquentin, dialoga com os objetos em-si que estão na realidade humana. Diz que estes são demais para si mesmos, não possuindo uma descompressão dentro de si para que a liberdade se manifeste. São exatamente como vem ao mundo. Segue então uma reflexão da personagem a respeito desse conceito.

Éramos um amontoado de entes incômodos, estorvados por nós mesmos, não tínhamos a menor razão para estar ali, nem uns nem outros, cada ente confuso, vagamente inquieto, se sentia demais em relação aos outros. Demais: era a única relação que podia estabelecer entre aquelas árvores, aquelas grades, aquelas pedras. (SARTRE, 2006, p. 161)

2.1.1 O SER-PARA-SI

O para-si é o conceito que Sartre nos traz para explicar o nada que habita no homem. O para-si é a consciência humana, vazia em si mesma, é negação diferente do ser-em-si que é positividade. Nela habita o nada, a gratuidade da existência, os possíveis do ser humano fazer a si mesmo, é nela que se encontra a liberdade para Sartre. É no para-si que vamos encontrar o

meio pelo qual o ser humano pode optar por sua própria essência. O para-si é devir, pois ele está sempre procurando um fundamento para se definir, é na busca por um futuro que pretende realizar a si mesmo. Pois o para-si é aquilo que ainda será, por consequência de sua falta de plenitude, está sempre buscando algo para se fazer e com efeito, fazendo a si mesmo, faz o homem na medida em que faz suas próprias escolhas.

A partir disso, o filósofo entende que o ser humano é o único ser cuja a existência precede a essência, pois sendo o homem nada dentro de si mesmo e sem um deus para conceber sua natureza, é ele mesmo seu próprio deus criador, portanto, é ele quem faz a si mesmo, quem construirá sua essência, fará suas escolhas e se responsabilizará por elas. O para-si permite ao ser humano a possibilidade e seus possíveis para projetar-se no mundo. Esse projeto é inesgotável, seguindo o homem por toda sua vida, pois o para-si nada é, ele está sempre a se fazer, é o eterno devir. O filósofo afirma um ser cuja existência precede sua essência e este ser seria o homem cuja existência, diferente da existência do em-si, teria a capacidade de formar a si mesma, não sendo predeterminada por nada além de sua própria escolha.

O para-si é aquilo que ainda será, tem o nada dentro de si mesmo e este nada vem à realidade humana através do ser humano e se manifesta no mundo a partir da consciência humana. O nada corresponde a possibilidade de ser do homem e o homem, portanto, é o meio pelo qual o nada vem à realidade humana. Por isso, sendo a priori nada, o homem possui a capacidade de se fazer no mundo, sendo, para Sartre, o ente cuja a existência é o nada no mundo, sua consciência é para-si, é o projetar-se na realidade objetiva.

Sartre chama essa consciência de ser-Para-si. Em *Existência e Liberdade*, Paulo Perdigão reflete sobre o “*inacabamento do Para-Si*”:

Essa separação interna do Para-Si faz dele uma espécie de Ser inacabado, ao qual está sempre faltando alguma coisa para se completar e preencher o seu miolo. Se fosse algo dado e acabado, a consciência seria idêntica a uma coisa. Mas há no Para-Si uma separação interna que não pode ser suprimida, a menos que o Para-Si se perca como tal e se converta em Em-si. (PERDIGÃO, 1995, p. 44)

Compreendemos que o para-si nada mais é do que a negação de si mesmo; é a consciência nadificada em si mesma. É aquilo que está para ser, uma eterna construção de si mesma, pois ela nada é. Nada sendo de si mesma, e sendo o homem portador dessa consciência, ele pode afirmar que é um eterno projetar-se de si mesmo. Em sua existência não

existe essência que possa anteceder-lá. Sobre a sua própria concepção de existencialismo, Sartre diz:

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. (SARTRE, 2012b, p. 19)

Para Sartre, o ser humano é jogado no mundo sem um deus para conceber sua natureza, portanto, não existe natureza humana. Inicialmente, o ser humano nada é, pois não há nada que possa defini-lo a não ser ele mesmo. Esta é a condição humana para Sartre. O homem é o único ser no mundo cuja existência precede sua própria essência. Como o existencialismo de Sartre é ateu, o pensamento segue a ideia de que não há destino que possa definir a vida humana; é o homem quem faz a si mesmo. Ele escolhe aquilo que pretende fazer de si. É no âmago desse pensamento que surge a questão da liberdade.

2.1.2 O NADA

O nada é o conceito pelo qual Sartre nos mostra de que maneira a consciência humana se dissolve em si mesma, pois o ser-para-si é plena negação de si mesmo, vazio e incompleto, engendrando em seu âmago, o nada, este nada que está dentro do coração do Ser como um verme é que abre espaço para que a liberdade possa se manifestar; é essa descompressão do ser, esta passagem para o projetar-se do homem.

O nada ao qual Sartre se refere seria justamente a consciência do ser humano, neste caso, o para-si. O Nada está contido no Ser, é uma negação, uma parte da estrutura da filosofia sartriana que classifica e evidencia a contingência gratuita da existência.

O homem é o ser cujo Nada vem à realidade humana, carregando dentro de si mesmo o nada. É preciso o Ser para que o nada possa existir, origina-se no coração do Ser. É este nada que possibilita a liberdade, o fazer a si mesmo do ser humano. Sem o nada dentro do Ser, tudo seria em-si e o para-si desapareceria. Entretanto, o para-si, é a negação que possibilita o nada, é a consciência vazia em si mesma, ela tem dentro de si a liberdade. O ser humano é liberdade justificada em o nada de ser que o homem é. O homem, portanto, carrega o nada dentro de sua cabeça, trazendo-o para o mundo objetivo, e a partir disso, a liberdade que está intrínseca a esse vazio, a esse nada de ser do homem, se manifesta à existência. Vejamos uma reflexão sobre o nada a seguir:

“O Nada não se nadifica, o Nada é nadificado”. “Deve, pois, existir um Ser – que não poderia ser o Em-si – que tenha a propriedade de nadificar o Nada, [...] um ser pelo qual o nada venha às coisas.” [...] A conclusão salta aos olhos: o nada se manifesta no mundo através daquele ser que se pergunta sobre o nada de seu próprio ser, ou que deve ser o próprio nada. Esse ser bizarro é o homem: “O homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo”. (BORNHEIM, 1971, p.43)

Temos o conceito do nada em Sartre, como um ser que vem ao mundo a partir do homem. O nada habita o Ser, pois sem este o mesmo não poderia existir, é uma contraposição ao Ser. Ele é aquilo que está dentro do ser como um verme em seu coração. Um vazio e negação de si mesmo. Nesse contexto, Bornheim diz que:

O nada não se reduz a um mero conceito vazio, desprovido de sentido. Não basta insistir, como faz Bergson, que se trata de um pseudoconceito por ser conceito de nada. [...] “O nada só se pode nadificar sobre um fundo de ser; se o nada pode ser dado, não é nem antes nem depois do ser, nem, de modo geral, fora do ser, mas deve ser dado no seio mesmo do ser, no seu coração, como um verme”. (BORNHEIM, 1971, p. 44)

De acordo com o que foi dito acima, o nada não é apenas um conceito sem sentido, pelo contrário, é sem sombra de dúvida, o conceito pelo qual é engendrado a liberdade do ser humano. É neste nada que o homem é liberdade, é no para-si, onde é vazio e negação de si mesmo, que manifesta os seus possíveis. O nada é aquilo que está dentro do Ser, permeia-o como se fosse uma secreção do homem possibilitada pela consciência. A seguir, uma reflexão sartriana a respeito do nada em sua obra *O Ser e o Nada*:

Assim, invertendo a fórmula de Spinoza, poderíamos dizer que toda negação é determinação. Significa que o ser é anterior ao nada e o fundamenta. Entenda-se isso não apenas no sentido de que o ser tem sobre o nada uma precedência lógica, mas também que o nada extrai concretamente do ser e sua eficácia. Expressávamos isso ao dizer que o nada invade o ser. Significa que o ser não tem qualquer necessidade do nada para se conceber, e que se pode examinar sua noção exhaustivamente sem deparar com o menor vestígio do nada. Mas, ao contrário, o nada, que não é, só pode ter existência emprestada: é do ser que tira seu ser; seu nada de ser só se acha nos limites do ser, e a total desaparecimento do ser não constituiria o advento do reino do não ser, mas, ao oposto, o concomitante desvanecimento do nada: não há não ser salvo na superfície do ser. (SARTRE, 2012a, p. 58)

Sendo assim, é possível dizer que o nada só pode existir em relação ao Ser, não há espaço para que possa existir sozinho, pois é resultante da tensão contrária ao Ser. Nesse caso, o homem que tem o nada dentro de si nunca poderá ser inteiramente aquele conteúdo que preenche sua consciência, pois ela nada é. Porém, não se pode dizer que o para-si não seja possível. É claro que, sabendo que a consciência nada é e está para se fazer o tempo inteiro, não implica dizer que o ser humano não possa existir de forma completa, ele é então o ser cujo nada habita a consciência, está localizado no Ser, nesse âmbito de concretude, introduz o nada como um verme em seu âmago. O nada é o contraponto que desloca o ser à revelação da liberdade. Segue uma reflexão de Sartre a respeito desse aspecto:

O nada, não sustentado pelo ser, dissipa-se enquanto nada, e recaímos no ser. O nada não pode se nadificar e não ser sobre um fundo de ser: se um nada pode existir, não é antes ou depois do ser, nem de modo geral, fora do ser, mas no bojo do ser, em seu coração, como um verme. (SARTRE, 2012a, p.64)

Temos, então, o nada como um fenômeno que necessita do Ser para existir. Ele por si mesmo não pode nadificar-se pelo fato de ser nadificação em si mesmo. É dessa forma que Sartre nos traz à reflexão diante do nada que habita o Ser. Neste caso, o nada é aquilo que se concentra no âmago do Ser e que necessita deste para realizar-se como negação e nadificação de si mesmo, abrindo a porta para a liberdade à consciência humana.

2.1.2.1 LIBERDADE EXISTENCIAL

De acordo com Sartre, a liberdade é a condição existencial do ser humano. A liberdade para o filósofo, está no âmago do Ser, através do para-si, o homem pode realizar a si mesmo visando um futuro. É a partir de suas escolhas e ações que afirmará a si mesmo existencialmente. O conceito de liberdade sartriano nos remete a uma liberdade inicialmente puramente abstrata e subjetiva. Porém, este conceito quando aprofundado nos leva a reflexão de como essa liberdade pode ser manifestada a realidade humana. Visto que o homem é o ser que vem ao mundo sozinho, sem uma natureza a priori e sem um destino que possa dar roteiro a sua vida, como em um romance literário que antes mesmo da existência propriamente dita das personagens já está determinado pelo autor. Na concepção de Sartre não existe um deus criador que possa embutir uma essência no indivíduo, este primeiramente nasce, vem a realidade humana vazia e só pode se definir posteriormente.

O homem é o ser que tem dentro de si a consciência, que para Sartre remete ao para-si. O para-si por sua vez, é o ser que não possui um dentro que possa torná-lo maciço como o ser-em-si, diferente disso, o para-si é o ser que não tendo uma essência que possa recheá-lo está a se fazer constantemente. Pois ele nada é, é vazio e também é o nada que vem através do homem ao mundo objetivo.

No para-si, que é negação de si mesmo, é permitido ao ser humano a possibilidade de se fazer, de projetar-se na existência de um futuro pelo qual o homem possa se responsabilizar no que diz respeito a maneira de como irá se conceber. Portanto, é por meio do para-si que surge a liberdade. Inicialmente de maneira subjetiva, advindo do ser humano, a partir das escolhas que faz para si mesmo. É ele pois quem opta por como irá se fazer em sua existência, é na escolha primeiramente subjetiva e após isso, é na ação que a liberdade tem seu efeito objetivo. Pois o homem primeiramente escolhe, faz a opção, tem a intenção de algo de acordo com sua vontade e só depois manifesta a liberdade.

Entretanto, para que essa liberdade não seja apenas uma concepção subjetiva e abstrata do homem, se faz necessário compreender sua situação, ou seja, sua facticidade. Sartre nos dirá que esta facticidade que é a realidade social, política e econômica, que o ser humano vem sem optar por ela, é contexto para que a liberdade possa ter seu contrário, para dar à luz a seu projeto. Porque sem essa antítese da realidade sob a tese da liberdade não se pode ter uma síntese do que seria essa liberdade no mundo objetivo.

Dito isto, a liberdade permeia não só a parte subjetiva do ser humano, não sendo apenas uma concepção metafísica que não pode ser realizada ou um idealismo, é antes de tudo, uma concepção que afirma-se como fato. Pois a liberdade deixa de ser um conceito meramente subjetivo ou representativo de uma sistemática filosófica, para exercer função objetiva. Como se pode ver na reflexão de Perdigão acerca da liberdade:

Toda liberdade é liberdade situada na realidade objetiva, situada no campo da facticidade. [...] a situação é o obstáculo necessário que devo transpor para realizar os meus fins. Sem a situação, minha liberdade desvanecer-se-ia. E, como a liberdade depende da resistência que se lhe opõe, podemos até dizer que essa liberdade se afirma mais claramente quando sujeita a maiores pressões. [...] Ser realmente livre não é obter-se necessariamente o que se quer, mas determinar-se a querer por si mesmo: a liberdade humana está na autonomia da escolha. Não consiste em poder fazer o que se quer, mas em querer fazer o que se pode. (PERDIGÃO, 1995, p. 87, 89)

A intencionalidade do ser humano para com suas ações diz respeito ao seu projetar-se, pois é inteiramente responsável por aquilo que fizer de si mesmo. O para-si não reconhece um determinismo de si mesmo, pois ele nada é, este vazio que é o para-si ou a consciência do ser para-si, é que permite a possibilidade do homem realizar este projeto a partir da liberdade. É assim que o ser humano pode efetuar suas escolhas, trazendo para si mesmo um futuro, a possibilidade de realizar a si mesmo. O para-si não é aquilo que presentemente faz a si, mas aquilo que vai fazendo de si em sua temporalidade, de acordo com a natureza dinâmica de sua própria condição, é nesta temporalidade que se arquiteta e faz a si mesmo, pois um homem pode mudar de escolhas quando quiser, é livre para essa possibilidade, ele sempre terá a gratuidade de relutar diante de suas escolhas e mudar conforme sua vontade.

É assim que manifesta a liberdade por meio de suas ações, pois o ser humano não possui uma essência que possa predefini-lo e afunila-lo em uma determinada circunstância perpetuamente. Aspecto que pode ser observado na fala de Cox a respeito do para-si:

O para-si nunca pode abandonar sua liberdade. Nunca pode conferir a si mesmo um objeto casualmente determinado pelo mundo físico, pois o projeto de abandonar a tentativa de conferir a si mesmo casualidade determinada precisa ser uma livre escolha do si. (COX, 2011, p. 90)

Este devir do para-si humano no que diz respeito a existência, é justamente a capacidade do homem ter a opção de escolher de que maneira irá definir a si mesmo enquanto sujeito livre para optar. A liberdade em Sartre está como substância, sendo assim, o ser humano, a partir do momento em que nasce, nasce livre, carrega em si mesmo esta liberdade durante toda sua existência. O ser humano vem ao mundo com essa possibilidade. É dentro dessas possibilidades que pode escolher como conceber a si mesmo no mundo. Pois a liberdade é, segundo Cox:

A liberdade não é uma capacidade de consciência; a liberdade é da natureza da consciência. A liberdade não é uma essência, assim como a consciência não é uma essência. Ela não é um potencial que existe antes do exercício do ser. A liberdade é seu exercício. Entender ação e escolha, portanto, é a chave para entender a teoria de Sartre sobre a liberdade. (COX, 2011, p. 93)

Esta liberdade existencial do homem é constituída pelo vazio que é o ser humano, no que diz respeito a sua própria essência, pois o ser humano é o único ser cuja existência precede a essência, diferente do ser-em-si, que é opaco e incapaz de fazer a si mesmo. O ser-para-si, sendo negação de si mesmo, abre a entrada do fazer-se a si mesmo.

Dentro desse mesmo conceito de liberdade, Sartre nos diz que o ser humano vem à realidade em uma situação, ou seja, em sua facticidade histórica. O ente vem ao mundo não por escolha, mas por acaso, sem um deus para dar-lhe uma natureza ou destino. Dito isto, o homem que inicialmente nada é, existe primeiramente e posteriormente dentro de sua situação social, cultural, psicológica, intelectual, pode fazer a si mesmo.

A facticidade está em relação com as conjunturas políticas, sociais, culturais e econômicas do indivíduo, pois ele nasce dentro disso, de sua realidade objetiva e social. Assim sendo, o homem tem sua liberdade existencial, porém deve fazer a si mesmo imerso nessa realidade que já estava antes mesmo dele existir.

Portanto, o ser humano é aquilo que faz com aquilo que fizeram dele mesmo. Através da liberdade, o homem pode escolher em meio a sua situação uma maneira de existir por sua própria autonomia, não deixando esta facticidade oprimi-lo, pois é na ação que a liberdade manifesta a sua existência. Então, temos aqui a escolha humana como ponto de partida para a ação da liberdade em sua situação.

As escolhas do ser humano devem ser mediadas por ele mesmo, deve assumir a si mesmo imerso na sua situação histórica, responsabilizando-se pelos efeitos de suas escolhas, pois escolhendo faz a si mesmo, não tendo como negar essa liberdade, pois é condição humana, é substância. A liberdade é justamente a folha em branco que o homem é, e a partir de suas escolhas é o que faz de si mesmo, não tendo essência que possa limitá-lo, nem situação que possa impedir sua liberdade, pois está dentro de si mesmo, com o para-si na consciência humana. A filosofia de Sartre nos mostra que o homem é o próprio criador de si, através de suas atitudes, de seu projetar-se e efeitos dos atos. Esta carga de responsabilidade pesa sobre os ombros do ente e este mesmo angustia-se devido a não poder fugir de si mesmo, pois caso o faça, agirá de má-fé de acordo com o pensador.

A autenticidade do ser humano para com sua existência deve ser afirmada sempre que ele fizer uma escolha para si mesmo, ao passo que opta por sua própria definição. A liberdade é tão somente um meio de estar na existência de forma gratuita, pois para Sartre tudo é gratuito. Vir à realidade humana por acaso, permanecer e partir dela é de graça, não se paga por isso. Simplesmente o ser humano vem ao mundo sem razão de ser, sem finalidade ou propósito. Está aqui e nada mais, como todas as outras coisas que o circundam.

Sartre em sua obra literária *A náusea*, nos explica a respeito da existência e sua gratuidade:

Se me tivessem perguntado o que era a existência, teria respondido de boa-fé que não era nada, apenas uma forma vazia que vinha se juntar

às coisas exteriormente, sem modificar em nada sua natureza. E depois foi isto: de repente, ali estava, claro como o dia: a existência subitamente se revelara. Perdera seu aspecto inofensivo de categoria abstrata: era a própria massa das coisas, aquela raiz estava sovada em existência. Ou antes, a raiz, as grades do jardim, o banco, a relva rala do gramado, tudo se desvanecera; a diversidade das coisas, sua individualidade, eram apenas uma aparência, um verniz. Esse verniz se dissolvera, restavam massas monstruosas e moles, em desordem – nuas, de uma nudez apavorante e obscena. (SARTRE, 2006, p. 160)

Como Sartre nos esclarece, a existência por si mesma não é nada. A consciência humana é vazia e só após relacionar-se com o mundo que está fora dela é que passa a ser preenchida. Este recheio é a realidade, essa relação do sujeito com a objetividade que está fora da consciência. E o que permite toda essa interação é a liberdade que está no âmago da existência. O ser humano é liberdade em todas as suas relações.

Por essa razão, o filósofo considera que não há essência no homem. Ele é destituído de qualquer natureza anterior a sua existência pois, antes de existir, o homem não era nada. Primeiramente o homem surge no mundo para depois definir-se. Entretanto, a liberdade faz com que o homem esteja paradoxalmente condenado a ela mesma, pois é responsável por suas escolhas em sua existência.

A existência humana é liberdade porque não há nada que possa determiná-la. O homem simplesmente é livre existindo no mundo. Não pode não sê-lo, pois ele é ontologicamente liberdade. Ademais, além dessa liberdade existencial pela qual o homem é responsável, o ser humano é um fato no mundo, ele é evidência na história, um fato histórico, ele existe objetivamente em uma determinada realidade.

Mesmo que essa conjuntura possa delimitar a liberdade humana, o homem permanece sendo livre para fazer a si mesmo. Ele exerce a liberdade na ação inserida em seu contexto, não importando a situação em que está na realidade humana, pois é aquilo que faz com aquilo que fizeram dele. Pratica a liberdade em suas escolhas e se responsabiliza por sua condição. O homem é lançado ao mundo para pintar-se da maneira que quiser. Nada impede a sua liberdade pois, até mesmo negando-a, exerce-se a liberdade de negá-la.

Esta mesma liberdade é o que proporciona ao homem a escolha, o ato de optar por sua própria essência; o homem é o único ente capaz de fazer-se a si mesmo enquanto ser livre. É uma condição a qual o homem está acorrentado. Ele é, em seu âmago, livre para optar e posteriormente definir-se. Podemos observar esse pensamento no que segue:

Assim, o homem, que de início nada é, irá definir-se pela sucessão de seus atos, pela série de opções que ele faz em face de cada situação concreta. Em nenhum momento da vida de um homem se pode afirmar que ele é isso ou aquilo, de uma vez para sempre. Como o homem inventa perpetuamente todo seu Ser, sem possuir “caráter” congênito ou uma “essência” imutável, sua definição jamais se completa em vida, e se conserva sempre em aberto até a sua morte. (PERDIGÃO, 1995, p. 91)

Dessa forma, observamos que o homem está condenado a ser livre. Negar esta condição é negar a si mesmo, é agir de má-fé. A má-fé é um dos conceitos que Sartre dissertará em sua obra, a fim de justificar a não-autenticidade do ser humano para com sua própria condição e é o tema do próximo tópico deste estudo.

2.1.2.1.1 A MÁ-FÉ

De acordo com o pensamento sartriano, é possível perceber que a má-fé é o pensamento pelo qual o homem nega sua própria condição, passando a existir no mundo de maneira inautêntica. Nesse sentido o homem não tem responsabilidade por sua própria liberdade; o mesmo se utiliza de álibis para justificar suas próprias escolhas, fugindo da responsabilidade de sua liberdade através de terceiros. Vejamos como Bornheim nos esclarece a respeito da má-fé:

O processo de autonegação pode ser caracterizado através de um comportamento privilegiado: a má-fé; seu privilegio advém de permitir o acesso a negatividade fundamental que é o homem. O que se entende, pois, por má-fé? Entre os diversos exemplos analisados por Sartre, tomemos o mais elucidativo. ‘Consideremos esse garçom de café. Seus gestos são vivos e apoiados, quase demasiado precisos, quase demasiado rápidos, dirige-se aos consumidores [...] [...] – E nesse tom, Sartre pinta todos os gestos típicos de um garçom em seu trabalho; são gestos que, em verdade, lembram a marionete. ‘Todo o seu comportamento nos parece um jogo. Ele se esforça para ligar seus movimentos como se fossem mecanismos que se comandam uns aos outros mesmo sua mimica e sua voz parecem mecanismos; ele se dá presteza e a rapidez impiedosa das coisas. Ele representa, diverte-se. Mas representa o que? [...] Representa ser garçom de café. (BORNHEIM, 1971, p. 49)

Sendo o homem livre existencialmente, ele deve assumir total responsabilidade diante de suas escolhas. Essa responsabilidade, para Sartre, é uma forma de existência autêntica e todo indivíduo que procura negar essa responsabilidade a respeito de suas escolhas age de má-fé.

Portanto, a má-fé se manifesta no indivíduo que nega o efeito de suas atitudes no mundo. Aquele que não quer afirmar sua existência como autônomo de si mesmo. Com efeito, utiliza ardilosas evasivas para justificar os devidos fins de seus atos, procurando através de terceiros justificar a sua condição existencial no mundo, fugindo de sua verdadeira identidade.

A má-fé nos torna aquilo que não somos, pois nos isentamos daquilo que deveríamos fazer de nós mesmos, transformando-nos em meros bonecos que não podem responder por si mesmos, vivendo uma existência fraudulenta na qual não somos os legisladores de nós mesmos. Sobre esse pensamento, Sartre nos diz:

Assim, neste caso, a má-fé exige que eu não seja o que sou, quer dizer, que haja uma diferença imponderável a separar o ser do não ser no modo de ser da realidade humana. Mas a má-fé não se limita a negar qualidades que possuo, a não ver o ser que sou: tenta também me constituir como sendo o que não sou. [...] A condição de possibilidade da má-fé é que a realidade humana, em seu ser mais imediato, na intraestrutura do cogito pré-reflexivo, seja o que não é e não seja o que é. (SARTRE, 2012a, p.114-115)

A má-fé é uma justificativa que isenta o homem de afirmar a própria existência. Que o torna aquilo que não é, como uma fraude enquanto ser existente. Para Sartre, o homem deve ser autêntico em sua existência, deve assumir tanto seu passado, quanto seu eterno projetar-se, pois sempre foi livre para mediar sua própria essência.

Segundo o pensamento do filósofo, a má-fé é o conceito pelo qual o indivíduo ao tomar consciência de sua liberdade passa a negar por não querer se responsabilizar por sua condição. Este nega deliberadamente sua liberdade para afirmar uma existência não autêntica. Pois pesa aos ombros do ente a sua condição existencial de ser livre.

A má-fé se manifesta quando o ser humano procura justificar suas ações e escolhas em coisas que não seja ele mesmo. Na tentativa de fugir de sua própria autonomia de pensamento e efeitos de suas escolhas. Sabota a si mesmo, com o intuito de amenizar o peso de sua existência em outras fontes que não seja ele mesmo.

Neste caso, o homem acaba se tornando uma marionete de suas contingências, não assumindo completamente o seu projetar-se no mundo. Dessa forma, o ente que é para-si, define-se como um ser-em-si com essência predefinida, o qual não transcende seu para-si que é oriundo do nada que é a consciência, pois é na consciência que nasce a liberdade, nesse vazio, no nada que é o ser humano.

Dessa forma a má-fé é utilizada sempre que o homem deseja não assumir a si mesmo como ente dotado de liberdade para optar posteriormente por sua essência, que é aquilo que

ainda não é e é aquilo que está a se fazer, pois o homem nunca é nada, ao passo que está sempre a fazer a si mesmo.

Sendo assim, o homem manifesta a má-fé na negação de si mesmo enquanto ser livre; quando procura não assumir sua própria conduta no mundo. Por isso a liberdade traz angústia. Esta responsabilidade do homem perante a existência faz com que o mesmo sinta-se paradoxalmente condenado a tal.

A ANGÚSTIA DA LIBERDADE

Segundo Sartre, o ser humano é angústia, pois vem ao mundo sozinho, destituído de qualquer natureza, sem um deus criador e sem um destino que possa predefini-lo. Neste caso, o ente sendo este vazio, esse nada de ser, ocorre em seu âmago a noção de que ele é livre. Dito esta liberdade como uma condição existencial, o indivíduo se vê condenado a assumir a si mesmo na realidade humana. Quer dizer, a angústia se encontra no momento em que a liberdade afirma-se como própria essência humana. Portanto, nesse âmbito, o homem é aquele que, não podendo fugir da liberdade, angustia-se diante dela. Aspecto perceptível na fala de Sartre:

A angústia, portanto, é a captação reflexiva de liberdade por ela mesma. Nesse sentido, é mediação, porque, embora consciência imediata de si, surge da negação dos chamados do mundo, aparece se me desgarro do mundo em que havia me comprometido de modo a me apreender como consciência dotada de compreensão pré-ontológica de sua essência e de sentido pré-judicativo de seus possíveis. Opõe-se ao “espírito de seriedade”, que capta os valores a partir do mundo e reside na substancialização tranquilizadora e coisista dos valores. Na seriedade, defino-me a partir do objeto, deixando de lado a priori, como impossíveis, todas as empresas que não vou realizar e captando como proveniente do mundo constitutivo de minhas obrigações e meu ser o sentido que minha liberdade deu ao mundo. Na angústia, capto-me ao mesmo tempo como totalmente livre e não podendo evitar que o sentido do mundo provenha de mim. (SARTRE, 2012a, p. 84)

A angústia no que se refere à existência humana, é parte também da condição efêmera do homem, pois este vem ao mundo com prazo de validade; em outras palavras, sabendo que é finito e mortal. Com efeito, após tomar consciência plena de que a liberdade é aquilo que justamente o constitui internamente como vazio, como nada, como ser para-si, negação de si mesmo em constante devir, como esta náusea que se manifesta à consciência humana, o

homem sentirá o peso de sua própria existência sobre seus ombros. Sartre (2012, p.79) diz, portanto, que “Na angústia, a liberdade se angustia diante de si porque nada a solicita ou obstrui jamais”.

O indivíduo é angústia porque não pode fugir de sua própria liberdade e, ao passo que é responsável por suas escolhas e efeito delas, absorve-se como próprio culpado da realização de si mesmo, culpado por ter a responsabilidade e não poder agir de má-fé, assumindo assim com total autenticidade sua condição. Sartre nos deixa uma reflexão no que diz respeito à fuga da angústia do homem:

Fugir da angústia e ser angústia, todavia, não podem ser exatamente a mesma coisa: se eu sou minha angústia para dela fugir, isso pressupõe que sou capaz de me desconcentrar com relação ao que sou, posso ser angústia sob a forma de "não sê-la", posso dispor de um poder nadificador no bojo da própria angústia. Este poder nadifica a angústia enquanto dela fujo e nadifica a si enquanto sou angústia para dela fugir. É o que se chama de má-fé. Não se trata, pois, de expulsar a angústia da consciência ou constituí-la em fenômeno psíquico inconsciente; simplesmente, posso ficar de má-fé na apreensão da angústia que sou, e esta má-fé, destinada a preencher o nada que sou na minha relação comigo mesmo, implica precisamente esse nada que ela suprime. (SARTRE, 2012a, p.89)

Conforme dito acima, Sartre esclarece sobre essa angústia em relação ao nada de ser do homem e sua liberdade, de modo que, ao passo que se tenta fugir da própria angústia, ele age de má-fé, pois não há como expulsar a angústia do ente, está lá como condição do ser livre. A angústia é a sensação pela qual o ente se encontra diante de sua própria condição. Ao negar sua liberdade, o homem age de má-fé e sendo ele inautêntico, passa a sentir o peso de sua própria existência, escapando dela mesma.

A responsabilidade que o indivíduo tem de si mesmo e de suas escolhas faz com que o mesmo não possa isentar-se das consequências de suas opções; por isso a angústia o consome por completo. Quando adquire consciência da gratuidade existencial, que está no mundo por acaso e que a liberdade é inerente à existência, o ente percebe que não há como fugir de si mesmo. Sobre essa angústia, reflete Bornheim:

Qualquer tentame de colocar a liberdade sobre a guarida do ser é baldado, e termina por provocar a angústia, por revelar a insuficiência de ser que é a realidade humana. Porque o para-si habita em sua raiz o nada, não pode ser e permanece condenado a se fazer; totalmente abandonada, a realidade deve escolher-se. Dizer que o ser do homem

reside na liberdade, equivale a afirmar que ele só se apoia em seu nada de ser. Assim, ou o homem é absolutamente livre ou não é. A alternativa não poderia ser mais radical: ou o determinismo absoluto ou liberdade absoluta; ou a plenitude do em-si ou o nada no coração do para-si. Todos os meus atos são “modos de ser do meu próprio nada” [...]. Portanto, a liberdade revela um sentido original e ontológico; como o para-si, resolve-se na contingência absoluta e na gratuidade fundamental. (BORNHEIM, 1971, p. 112)

Portanto, o ser humano é o próprio legislador de si e o único responsável por suas escolhas, pelo projetar do seu para-si. Os efeitos de suas atitudes manifestar-se-ão em sua existência objetiva, quando exercerá sua liberdade na ação. É na prática que o homem afirmará sua autenticidade enquanto ser cheio de liberdade.

Contudo, a angústia atormenta o ser humano porque a condição existencial do homem é a liberdade gratuita, não restando chances de escapatória para que o mesmo negue sua responsabilidade diante de si e do mundo que ele mesmo faz ao projetar-se a partir de suas escolhas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordado no presente artigo, a liberdade é o conceito chave da filosofia sartriana. É nela que se encontra o desencadear da finalidade prática de seu pensamento. Os conceitos que dão fundamento ao ensaio de ontologia fenomenológica do filósofo são as bases para que surja a concepção da liberdade como uma condição existencial. Assim, Sartre nos afirma que o homem é livre em sua facticidade, ou seja, dentro do contexto no qual está imerso; rodeado pelas conjunturas que formam sua realidade social, cultural, política, econômica.

Assim, pode-se dizer que o ser humano é um fato na história, existe em evidência, em sua objetividade histórica e é dentro desse contexto que exerce sua liberdade e se responsabiliza por suas escolhas, por aquilo que faz de si mesmo. Sem uma natureza que possa determiná-lo, sem algo no qual possa agarrar-se, sozinho e inserido na realidade humana, o ente primeiramente existe para depois definir-se. Ele é angústia, pois está condenado a esta condição e, ao negá-la, passa a negar a si mesmo enquanto indivíduo responsável por seu próprio existir.

RESUMEN

El trabajo presenta el concepto de libertad bajo la óptica del filósofo Jean-Paul Sartre, a partir de su obra filosófica más importante *El Ser y la Nada*. Tenemos el objetivo de esclarecer la construcción de este concepto basándonos en el ensayo del autor sobre ontología fenomenológica, así se presenta resumidamente las principales categorías que son utilizadas en esta análisis de la libertad y que si constituyen en nociones fundamentales del pensamiento existencialista. Para Sartre, la libertad es condición existencial del hombre. De este modo, él recurre al método fenomenológico para realizar una filosofía de la libertad totalmente pautada en esta condición existencial del ser humano. Presentaremos las razones para sostener que el hombre está condenado a ser libre y que es a través de esta libertad inexorable que podrá realizarse a si mismo. Para lograr los objetivos propuestos, dividimos el trabajo en siete rubros para mejor esclarecer el pensamiento sartreano, son ellos: Buscando al Ser; El Ser-en-si; El ser-para-si; La nada; La libertad existencial; La Mala-Fe, y Angustia de la libertad. Al final de la pesquisa ha sido posible observar que el ser humano es un ser factual e histórico, y la libertad es una condición existencial de uno y la razón de su angustia.

Palabras claves: Libertad. Existencialismo. Fenomenología.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORNHEIM, Gerd A. **Sartre: Metafísica e Existencialismo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- COX, Gary. **Comprender Sartre**. Tradução de Hélio Magri Filho. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HURSSERL, Edmund. **A ideia de fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008.
- PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- _____, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- _____, Jean-Paul. **A náusea**. Tradução de Rita Braga. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.